

SUMÁRIO

<i>Prefácio ao “Prefácio” (2005)</i>	9
<i>Prefácio (1984)</i>	17
1. Pondo o Espírito em destaque	23
2. O Espírito Santo na Bíblia	69
3. Mapeando a rota do Espírito: o caminho da santidade	115
4. Mapeando a rota do Espírito: versões de santidade	147
5. Mapeando a rota do Espírito: a vida carismática	207
6. Mapeando a rota do Espírito: a interpretação da vida carismática	245
7. Vem, Espírito Santo	293
8. O céu na terra: uma exposição do Pentecostes	325
<i>Apêndice: O “homem miserável” de Romanos 7</i>	341
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	351
<i>Índice remissivo</i>	361

PREFÁCIO AO “PREFÁCIO” (2005)

O livro que você tem em mãos é a segunda edição, revisada e ampliada, de um ensaio detalhado sobre a vida no e por meio do Espírito Santo de Deus, obra publicada primeiramente como um *tract for the times* [panfleto para nossos tempos],¹ 21 anos atrás, em 1984. Este prefácio preparatório contém pensamentos sobre sua pertinência contínua. Em um memorável erro tipográfico, uma biblioteca inglesa apresentou-se certa vez como fonte dos “melhores livros, tanto esgotados quanto desatualizados”,² e convém perguntar se um livro de 1984 não poderia se enquadrar nessa lamentável categoria. Não acho que este livro se enquadre e fico feliz com a oportunidade de explicar o porquê.

Ainda concordo enfaticamente com tudo o que *Caminhando no poder do Espírito* sustenta e sempre sou grato a Deus pelo modo como, através dos anos, os pensamentos centrais deste livro têm sido acolhidos por muitos evangélicos e também pelo fato de que, em

¹*Tracts for the Times* foi uma série de noventa textos teológicos publicados entre 1833 e 1841. Variavam em tamanho, indo desde um panfleto até um livro e foram escritos por integrantes do Movimento de Oxford, na Inglaterra, um grupo de avivamento anglo-católico. (N. da T.)

²O alegado erro tipográfico fica mais perceptível em inglês. É provável que a biblioteca quisesse anunciar que mantinha em seu acervo tanto livros “esgotados” (*out-of-print*) quanto “atualizados” (*up-to-date*), em vez de “desatualizados” (*out-of-date*). (N. da T.)

consequência disso, várias perplexidades foram amenizadas. Tensões que, quando escrevi, eram agudas hoje parecem estar superadas em sua grande maioria, e estudos mais recentes com bases mais amplas no campo da pneumatologia reforçaram diversas de minhas afirmações. Portanto, como contribuição para uma controvérsia, este livro é menos importante hoje do que no passado. De qualquer forma, creio que ele ainda tem um importante papel a cumprir. Permita-me explicá-lo.

Caminhando no poder do Espírito surgiu da combinação de um conjunto de preocupações que pesavam bastante, e ainda pesam, sobre os meus ombros. Juntas, elas indicam muito da realidade de minha vida ministerial. Elas refletem as convicções, o relacionamento e a vocação ligados à minha identidade em Cristo, algo que, para mim, hoje está mais claro do que antes, tendo em vista que me encontro na quarta parte daquilo que poderá se transformar em um século de vida neste mundo. Peço a paciência do leitor enquanto descrevo brevemente a minha origem, pois isso esclarecerá o porquê de este livro ser o que é e a razão de eu estar tão feliz com a decisão da editora de apresentá-lo mais uma vez ao universo cristão.

Uma perspectiva pessoal

Meus colegas britânicos costumavam me achar meio estranho, e talvez eles estivessem certos. Os pietistas são tidos como frios em relação à teologia, e os teólogos não são exatamente aqueles que buscam o crescimento de sua espiritualidade. Todavia, vejo-me ao mesmo tempo como um pietista teológico e um teólogo com os pés no pietismo. Refiro-me a mim como pietista porque penso que o relacionamento de uma pessoa com Deus é simplesmente a coisa mais importante da vida. Deus me concedeu intuição pastoral, e meu desejo em relação à teologia como um todo, sobretudo em relação à minha própria teologia, é que ela deve impulsionar as pessoas na fé, na adoração, na obediência, na santidade e no crescimento espiritual. Refiro-me a mim como pietista teológico porque sempre tive consciência de que

a espiritualidade bíblica, absolutamente radical em seu ímpeto moral e experiencial por nos sondar, quebrantar, reintegrar e transformar, também tem o mesmo impacto intelectual, de modo que amadurecer em Cristo é algo que depende diretamente do ato de pensar sob a perspectiva de verdades e valores bíblicos e de tirar o brilho de todas as formas alternativas de pensamento oferecidas pelo mundo. E refiro-me a mim como um teólogo com os pés no pietismo porque, aceitando a máxima de Yves Congar de que “teologia é o cultivo da fé pelo uso honesto dos meios culturais disponíveis”,³ considero inevitavelmente urgentes a busca de conhecimento, de bom juízo, de percepção, de sabedoria e o discernimento dos limites no que se refere ao trato das coisas divinas; e meu senso de urgência tem aumentado à medida que me responsabilizo compartilhar os resultados de minha busca, por amor ao bem-estar espiritual das outras pessoas.

Dentre os tipos de pietismo conhecidos no universo cristão, meu compromisso, de modo geral, é com o evangelicalismo protestante histórico — fundamentado na Bíblia, centrado na cruz, voltado para a conversão e que dá prioridade à comunhão da igreja e ao trabalho missionário.⁴ Enxergo o evangelicalismo de uma perspectiva tanto bíblica quanto histórica: ela é a tradição cristã autêntica e, quando comparado às demais vertentes da vida da fé, tanto no individual quanto no coletivo, elas se mostram exênticas, em maior ou menor grau, ou no mínimo subdesenvolvidas. Dentro da esfera evangélica, acredito na superioridade dos bons princípios, seja quanto à perspectiva, seja quanto à substância, da herança reformada de vida, pensamento, cultura, instrução, devoção e cosmovisão, em comparação a outras versões da perspectiva evangélica. Dentro dos parâmetros

³Yves Congar, *I believe in the Holy Spirit* (New York: Crossroads Herder, 1997), terceira paginação, p. xiii, 3 vols. em 1.

⁴Para explorar a unidade interior da fé e visão evangélicas, veja agora J. I. Packer; Thomas C. Oden, *One faith: the Evangelical consensus* (Downers Grove: InterVarsity, 2004).

reformados, admiro em especial as seguintes fontes e com elas aprendo: o brilhantismo geral e elástico de Calvino, a profundidade pastoral dos puritanos ingleses e o claro entendimento da antítese entre a modernidade iluminista e o cristianismo histórico de gigantes holandeses como Kuyper, Bavinck, Dooyeweerd e Rookmaaker. Ao mesmo tempo, dentro do corpo da teologia cristã, interesse-me em especial pela obra do Espírito Santo de inspirar e interpretar as Escrituras, de regenerar, santificar, assegurar a salvação e preparar e capacitar os cristãos como indivíduos, de conceder dons e usar o povo de Deus sob variadas formas de serviço, de avivar ou renorar, como se tem dito igrejas e comunidades. Todas essas questões têm sido meus grandes pontos de interesse desde os primeiros dias de minha vida cristã na fase adulta.

Portanto, no início da década de 1960, quando a onda carismática projetou-se sobre a Grã-Bretanha, sobretudo sobre a Igreja da Inglaterra, de cuja liderança eu fazia parte, lutando por uma volta às raízes puritanas⁵ e reformadas do anglicanismo, fui logo envolvido nas tensas discussões que emitiam juízos de valor. Essa ênfase carismática no batismo do Espírito, nas línguas, nos cânticos espirituais e na expressão corporal como vias utilizadas por Deus para a renovação da igreja dissipou o interesse pelo cuidado pastoral por meio do intelecto e pela busca do avivamento espiritual nos moldes históricos que eu procurava promover e apresentar como modelo; além disso, essa ênfase carismática gerou um amplo leque de reações entre colegas e amigos, entre eles estadistas como John Stott e Martyn Lloyd-Jones, que fizeram críticas ao movimento de perspectivas distintas (Stott, por causa de pontos não bíblicos; Lloyd-Jones, por causa de uma sistemática indiferença teológica).

⁵Devemos lembrar que o puritanismo histórico, em seus aspectos teológico, pastoral e no que diz respeito à reforma da igreja, foi um movimento anglicano, e os padrões de Westminster foram criados principalmente pelos anglicanos.

Quando uma editora me pediu que escrevesse um livro censurando os carismáticos, não aceitei o convite, pois não estava convicto de algumas de suas alegações, tinha a sensação de que a experiência deles era melhor que sua teologia e temia o risco de apagar o Espírito que estava atuando claramente em grande parte do movimento. No entanto, com o passar do tempo, tive a ideia de escrever um livro que faria simultaneamente quatro coisas: (1) reafirmaria a centralidade de Cristo no novo ministério da aliança cumprido pelo Espírito Santo, a fim de responder à tendência de centralidade do Espírito que estava se espalhando; (2) reafirmaria o chamado bíblico à santidade, em face das distorções e da negligência que o haviam comprometido há muito tempo; (3) faria uma avaliação imparcial do movimento carismático e de suas alegações, algo que, por fim, senti estar dentro de minha capacidade; e (4) demonstraria que, de qualquer forma, a visão carismática fica aquém da plenitude do avivamento segundo as Escrituras, de modo que, por mais que sejamos gratos a esse movimento, precisamos olhar além dele. Foi assim que nasceu *Caminhando no poder do Espírito*; e sua mensagem de quatro eixos me parece importante ainda nos dias atuais.

A orientação temática

Um dos pontos fortes da teologia de Lutero, de Calvino e dos puritanos clássicos é que ela trata os ensinamentos doutrinários sobre o Espírito Santo como verdade universal oriunda de Deus, aplicada às pessoas indicadas no texto e que agora deve ser aplicada a todos quantos têm acesso a ele. A aplicação era vista como um despertar da consciência, ou seja, a capacidade dada por Deus à humanidade para que esta fizesse um autojulgamento na presença dele e diante de seu trono (*coram Deo*). A função dos que pregavam e ensinavam era chamar a consciência à ação e guiá-la assim que ela estivesse ativa, fazendo referência direta à verdade revelada de Deus. É nessa frequência de opiniões citadas como exemplo que procuro operar em meu ministério.

No entanto, grande parte da teologia de hoje não está sintonizada tão diretamente com a consciência, e sua exegese bíblica também não reflete um entendimento tão claro do Deus que fala no texto e por meio do texto; essa teologia também não é movida pela visão catequética que estimula a vida espiritual do indivíduo. Ainda que não percam todo o contato com o que a Bíblia diz, os autores de hoje no campo da teologia, em sua maioria, estão interessados nas discussões internas de seus pares, ou seja, da classe de mestres profissionais de teologia em universidades e seminários, os quais, como uma coletividade, debatem continuamente perspectivas distintas sobre as crenças históricas da igreja e mantêm graus variados de compromisso com essa herança. Neste mundo de atividade intelectual ininterrupta, assim como em todos os círculos de interação acadêmica, os valores que mais se buscam são a amplitude, o equilíbrio, a perspicácia das declarações e a solidez dialógica dos argumentos, de modo que a defesa de posições particulares acerca da vida do povo de Deus acaba se transformando em uma preocupação secundária. Em outras palavras, a teologia dos dias atuais não é pastoral nem catequética, nem instruída nas realidades objetivas da vida com Cristo segundo as Escrituras, das quais trata apenas secundariamente, de longe e em geral de forma meio fragmentada. Digo isso simplesmente para explicar que este livro parte não da pneumatologia acadêmica atual,⁶ mas das questões enfrentadas por aqueles que, por meio da Bíblia, procuram viver com fé e boa consciência.

⁶Entre as pesquisas sobre pneumatologia mais significativas estão Gary D. Badcock, *Light of truth and fire of love* (Grand Rapids: Eerdmans, 1997); Congar, *I believe in the Holy Spirit*; Jurgen Moltmann, *The Spirit of life: a universal affirmation* (Minneapolis/London: Fortress/SCM, 1993); Clark Pinnock, *Flame of love* (Downers Grove: InterVarsity, 1996); Alasdair I. C. Heron, *The Holy Spirit* (Philadelphia/London: Westminster/Marshall, Morgan and Scott, 1983). As contribuições exegéticas de maior destaque com certeza são James D. G. Dunn, *Jesus and the Spirit* (London: SCM, 1975), e Gordon D. Fee, *God's empowering presence: the Holy Spirit in the letters of Paul* (Peabody: Hendrickson, 1994).

Reconheço que isso me põe em descompasso com muito do que hoje está acontecendo.

Tenho esperança de que *Caminhando no poder do Espírito* seja visto como elemento que preenche uma lacuna. Os tratados que hoje existem sobre o Espírito Santo — e devemos ser gratos pela existência de alguns: cinquenta anos atrás não havia nenhum — tendem, em primeiro lugar, a ser mais reservados e menos categóricos que eu no tocante à afirmação da personalidade divina do Espírito, segundo a qual ele não é menos, porém mais pessoal (uma pessoa) do que nós, assim como também acontece com o Pai e o Filho. Em contraste com aqueles que escrevem sobre o Espírito como se ele (ou, segundo alguns, ela) fosse um tipo de pessoa diferente de Jesus Cristo, entendo que a personalidade transcendente do Espírito é objeto de revelação clara e inequívoca e, portanto, representa uma chave hermenêutica para a leitura de ambos os Testamentos, chave que o próprio Cristo nos deu. Então, mais uma vez, os tratados modernos dizem pouco ou nada sobre o conflito diário com o pecado e a tentação, realidade que está no centro do relato bíblico acerca do processo de santificação; também dizem pouco ou nada sobre a frequente alegação de que a espiritualidade carismática em sua plenitude é a principal forma de cristianismo bíblico no nível pessoal;⁷ e pouco ou nada sobre a obra do Espírito Santo intensificada em suas visitações de avivamento. No entanto, são esses os temas principais aos quais *Caminhando no poder do Espírito* conduz seus leitores, e ninguém cuja consciência tenha uma relação clássica com as Escrituras do cristianismo poderá negar sua importância.

Assim, torno pública esta segunda edição de meu livro na certeza de que ele poderá prestar uma importante contribuição à vida

⁷A exceção honorável aqui é Congar, *I believe in the Holy Spirit*, segunda páginação, p. 145-212. Badcock, *Light of truth and fire of love*, p. 138, resume seus argumentos principais.

evangélica no século 21, a exemplo do que a primeira edição parece ter feito 21 anos atrás.

O capítulo novo acrescentado a esta segunda edição é uma análise expositiva da segurança da salvação, ou seja, do leque de convicções extraídas da Palavra de Deus e por ela garantidas, convicções que o Espírito Santo concede aos fiéis, juntamente com alguns sinais de como ele faz isso. Paulo enumera as glórias da segurança cristã em dois pontos de sua Epístola aos Romanos: o primeiro brevemente, em 5.1-11, e depois, de modo mais completo, no capítulo 8, que do início ao fim é uma sinfonia evangélica da segurança da salvação destacada na carta, e no Novo Testamento como um todo, à semelhança do Everest, que se eleva acima de todos os outros picos próximos ao Himalaia. Minha exposição trata da primeira dessas passagens. Neste ponto, juntamente com o que se expõe no restante do livro, encontram-se informações vitais para um viver cristão saudável e alegre, de acordo com o ideal que o Novo Testamento nos apresenta como realidade indiscutível do primeiro século. Se, com a bênção de Deus, este livro ajudar aqueles que procuram uma vida de alegria a encontrá-la, ficarei muito feliz. O cristianismo do primeiro século, afinal de contas, é a qualidade de vida que eu e todos os que leem estas palavras, juntamente com o povo de Deus de todas as épocas, devemos desejar para nossa vida, e um dos melhores serviços que podemos prestar é ajudar uns aos outros a definir e a manter nossas prioridades.

PREFÁCIO

(1984)

O Espírito Santo de Deus, Senhor e Doador da vida, que pairava sobre as águas na Criação e falou na história por meio dos profetas, foi derramado sobre os discípulos de Jesus Cristo no Dia de Pentecostes para cumprir o novo papel de Paráclito que Jesus havia definido para ele. O Espírito ministra hoje em seu caráter de segundo Paráclito, agente delegado e representante de Jesus na mente e nos corações dos homens. Paráclito (*paraklētos*, em grego) significa “Consolador, Conselheiro, Auxiliador, Advogado, Fortalecedor, Sustentador”. Jesus, o Paráclito original, continua seu ministério para com a humanidade por meio da obra do segundo Paráclito. Da mesma forma que Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre, assim também é o seu Espírito. Em todas as eras desde o Pentecostes, aonde quer que o evangelho tenha chegado o Espírito continuou a realizar em maior ou menor escala aquilo que Jesus prometeu que faria quando enviado nessa nova capacidade.

É ótimo que ele tenha continuado! Se tivesse parado de fazer essas coisas, há muito tempo a igreja já teria perecido, pois não haveria mais cristãos para formá-la. A vida cristã, em todos os seus aspectos — intelectual e ético, devocional e relacional, elevando-se em adoração e espalhando-se em testemunho —, é sobrenatural; só o Espírito pode iniciá-la e sustentá-la. Desse modo, sem ele, não somente deixarão de existir crentes vívidos e congregações

vívidas, simplesmente deixarão de existir crentes e congregações. Contudo, o fato é que a igreja continua a viver e a crescer, pois o ministério do Espírito não cessou, nem cessará jamais, com o passar do tempo.

No entanto, observa-se que a obra do Espírito neste mundo é mais extensa e aparentemente mais profunda em alguns períodos que em outros. Atualmente, por exemplo, ela parece mais extensa na África, na Indonésia, na América Latina, nos Estados Unidos e na Igreja Católica Romana do que parecia há cinquenta anos. Digo *parece* e *parecia* de propósito, pois só Deus sabe a realidade quanto a isso, e as advertências da Bíblia contra o julgamento pelas aparências em assuntos espirituais são muitas e fortes. Quando parecia que Elias era o único israelita fiel que havia restado, Deus lhe disse que ainda havia outros sete mil, o que deve nos levar a fazer uma pausa antes de tentar calcular o que Deus estava fazendo antes de entrarmos em cena ou o que está fazendo ao nosso redor agora. Todavia, no que tange às impressões, parece-me (e não apenas a mim) que, enquanto a cristandade institucional está caindo aos pedaços, há hoje um novo sopro de vida provindo do Espírito em muitas partes do mundo. A profundidade é outra questão: um líder que viaja muito disse que o cristianismo nos Estados Unidos e no Canadá tem cinco mil quilômetros de largura e um centímetro de profundidade, e suspeitas de superficialidade têm sido expressas também por outras pessoas. Mas, seja como for, é por causa da sensação de que o Espírito está nos movendo que este livro surgiu.

Ele deve ser lido como um conjunto de indicadores que apontam para o que Richard Lovelace chama de teoria do “campo unificado” da obra do Espírito Santo na igreja, ontem, hoje e amanhã. Seu conteúdo surgiu como o cardápio de uma refeição composta por quatro pratos, desta forma:

O capítulo 1 leva à conclusão de que o pensamento-chave que proporciona a compreensão do novo ministério pactual do Espírito

é que ele serve de mediador para a presença pessoal e para o ministério do Senhor Jesus Cristo. Esse argumento tem o propósito de ser apresentado um aperitivo.

O capítulo 2 trata do ensino bíblico acerca do Espírito segundo esse ponto de vista. Por assim dizer, é a sopa — espessa talvez, mas sobretudo nutritiva (assim espero). É possível que, ao contrário de outros tipos de sopa, ela consiga ser ao mesmo tempo espessa e translúcida; como seu cozinheiro, certamente desejo que assim seja.

Os capítulos 3, 4, 5 e 6 são o alimento sólido do livro — encontros com o perfeccionismo de Wesley, com os ensinamentos clássicos de Keswick e com a espiritualidade carismática contemporânea; e, juntamente com esses encontros, uma redefinição de uma antiga opinião acerca da vida no Espírito que me parece ser mais profundamente bíblica do que as outras.

Por fim, como sobremesa (a parte da refeição em que deve predominar a doçura), ofereço alguns pensamentos acerca da obra do Paráclito em revivificar o corpo de Cristo. Você pode achá-la agri-doce; isso, segundo penso, dependerá mais de você do que de mim.

Os sabores penetrante e adocicado de queijo e fruta finalizam satisfatoriamente uma boa refeição. Desse modo, espero que a refeição tenha se mostrado boa até agora, espero ainda mais que a exposição de Pentecostes em Romanos 5.1-11, adicionada nesta edição de 2005, tenha um efeito semelhante.

A intenção prática de todo o livro resume-se na ideia de “andar no poder do Espírito”, a qual reflete o pensamento de Paulo em Gálatas 5.25: “Se vivemos pelo Espírito, andemos também sob a direção do Espírito”. *Andemos*, aí, não é *peripateō*, como no versículo 16, significando literalmente o movimento dos membros de quem anda e, metaforicamente, a atividade de viver, e sim *stoicheō*, que abrange o pensamento, a ideia de andar em linha reta, apegando-se a uma regra, e dessa forma procedendo sob o controle e direção de outrem.

Fé, adoração, louvor, oração, abertura e obediência a Deus, disciplina, ousadia, realismo moral e enriquecimento evangélico são os alvos que estou mirando. Mais uma vez, diz Paulo: “... enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo” (Ef 5.18-21). Minhas mais profundas esperanças são de que este livro possa ajudar o leitor a implementar a série de diretrizes apresentadas por Paulo nessa importantíssima passagem. Por isso, peço-lhe que examine agora, diante de Deus, a sua disposição de aprender esse novo estilo de vida sobrenatural, seja qual for o preço para o seu modo de vida atual, pois não há nada que “apague” o Espírito com mais facilidade do que estudar a obra dele sem estar disposto a ser tocado, humilhado, convencido e transformado, à medida que se estuda.

Estudar a obra do Espírito Santo é uma aventura extraordinária para qualquer pessoa que conheça, mesmo de segunda mão, o que o Espírito pode fazer. Em 1908, alguns missionários na Manchúria escreveram para o seu país:

Começou a manifestar-se na igreja um poder que não poderíamos controlar, mesmo que quiséssemos. É um milagre o impassível e dissimulado João Chinês deixar a sua maneira de ser para confessar pecados que nenhuma tortura da polícia poderia forçá-lo a expressar; o fato de um chinês humilhar-se a ponto de implorar, chorando, pelas orações dos seus irmãos na fé é coisa que está além de qualquer explicação humana.

Talvez vocês digam que é uma espécie de histeria religiosa. Nós também dissemos o mesmo [...] Mas aqui estamos nós, cerca de sessenta presbiterianos escoceses e irlandeses que vimos isso — com todas as nuanças de temperamento —, e, embora muitos de nós tenham recuado dessa manifestação a princípio, todas as pessoas

que ouviram e viram o que temos experimentado todos os dias da semana passada estão certas de que existe apenas *uma* explicação: o Espírito Santo de Deus manifestando-se [...] Um artigo do credo que está bem vivo diante de nós agora em toda a sua solenidade tremenda é: “Creio no Espírito Santo”.¹

“Solenidade inevitável, tremenda”. Será que essa frase combina com a percepção que agora temos do Espírito Santo e de sua obra? O que aconteceu na Manchúria em 1908 — quando o Espírito atacou e destruiu a justiça própria, chegou aos detalhes na consciência das pessoas e roubou-lhes todo descanso e tranquilidade interior, até que elas confessaram seus pecados e mudaram o seu comportamento — pode ter paralelo em Atos dos Apóstolos. Contudo, onde nada desse tipo acontece nem é vislumbrado ou mesmo pressentido, declarações de que o Espírito está operando precisam ser julgadas irrealis. O Espírito Santo vem para nos tornar santos, levando-nos a conhecer e sentir a realidade de Deus por meio de seu Filho, Jesus Cristo: a ira, o afastamento e o ódio de Deus em relação aos nossos pecados, e sua amorosa insistência para que mudemos e reedifiquemos o nosso caráter, enquanto ele nos perdoa por amor de Jesus. Será que já *sentimos* essas coisas, isto é, fomos agitados, impulsionados e mudados pelo seu impacto? Será que estamos agora inteiramente preparados para nos lançar em um estudo que pode nos levar a sentir dessa forma?

“Leitor”, escreveu John Owen, o Puritano, no início de um tratado que lhe havia custado sete anos de árduo labor, “se tu és, como muitas pessoas nesta época de fingimento, leitor de títulos ou tabuletas e se entras nos livros como Catão entrava em um teatro, só para sair de novo, já te divertiste — adeus”. Neste momento, quero dizer isso a qualquer pessoa em cujas mãos este livro cair. Essa declaração

¹Jonathan Goforth, *By my Spirit* (Grand Rapids: Zondervan, 1942), p. 17-8.

pede mais do que um exame casual, que, nesta “época de fingimento” em que vivemos, é tudo o que os leitores muitas vezes dão aos livros cujas páginas folheiam. Da mesma forma, este livro não foi escrito para agradar aqueles que estão apenas curiosos em saber o que seu autor pensa acerca do Espírito Santo nestes dias. Ele foi coligido para ajudar os crentes que levam a sério o seu relacionamento com Deus e estão preparados para ser tratados por ele. Antes de continuar, seria uma atitude sábia de sua parte, segundo penso, ler todo o salmo 119 em silêncio e oração, duas ou três vezes. Encher a cabeça com pensamentos vãos, embora verdadeiros, incha e não edifica; e é de edificação que necessitamos. Que o Senhor tenha misericórdia de todos nós.

Gostaria de expressar minha gratidão às muitas pessoas, tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra, que me ajudaram com reações a versões anteriores deste material, e particularmente ao corpo docente e discente do Seminário Teológico Asbury, ao qual me atrevi a apresentar o meu encontro com o ensino de John Wesley, nas Conferências Ryan de 1982. Devo agradecimentos também a várias datilógrafas amáveis, principalmente a Mary Parkin, Nancy Morehouse e Ann Norford; e também a Jim Fodor pelos índices.

Por fim, permitam-me dizer que este não é um tratado técnico; portanto, as notas de cada capítulo e as referências a outras fontes foram limitadas ao máximo. Todavia, é um livro de estudo e, como em outros livros de estudo que tenho escrito, as referências bíblicas citadas estão ali para ser procuradas e lidas.

PONDO O ESPÍRITO EM DESTAQUE

Já foram escritos muitos livros acerca do Espírito Santo. Então, por que escrever mais um? Deixe-me começar a responder a essa pergunta muito apropriada, falando-lhe acerca da minha visão limitada.

Visão limitada

Se, enquanto estiver olhando para você, eu tirar os óculos, o reduzirei a um borrão. Ainda consigo saber que você está ali; posso ainda ser capaz de dizer se você é homem ou mulher; provavelmente poderei dar um jeito de não trombar em você. Mas você terá se tornado tão indistinto, e as suas características se tornarão tão manchadas, que estaria além da minha capacidade dar uma descrição adequada da sua pessoa (salvo de memória). Se um estranho entrar na sala enquanto eu estiver sem óculos, poderei apontar para ele, sem dúvida, mas a sua face será uma bolha, e nunca saberei qual é a sua expressão. Você e ele estariam completamente fora de foco, no que tange a mim, até que eu estivesse novamente de óculos.

Uma das raras ilustrações apresentadas por João Calvino compara a necessidade das pessoas de visão limitada, como eu, de usarem óculos para enxergar letras e pessoas com a necessidade que todos temos da Escritura para enxergar as coisas divinas de forma legítima. Embora Calvino tenha declarado esse pensamento apenas

em termos gerais, é claro que ele tinha em mente verdades bíblicas específicas, e que elas são como lentes por meio das quais um foco claro é conseguido. Todas as pessoas, pensava Calvino, têm suspeitas acerca da realidade de Deus, porém suspeitas vagas e borradas. Colocar Deus em foco significa pensar corretamente acerca do seu caráter, da sua soberania, da sua salvação, do seu amor, do seu Filho, do seu Espírito e de todas as realidades da sua obra e da sua maneira de agir; também significa pensar de maneira correta acerca do nosso relacionamento com ele como criaturas sob o pecado ou sob a graça, vivendo a vida de fé, esperança e amor que reage positivamente ou vivendo sem reações, em esterilidade e tristeza de alma. Como podemos aprender a pensar corretamente a respeito disso? A resposta de Calvino (e a minha também) é: aprendendo nas Escrituras. Só quando aprendermos dessa forma, seremos capazes de dizer que Deus, o Criador triúno, que é Pai, Filho e Espírito Santo, é mais do que um rascunho em nossas mentes.

Agora, vamos àquilo que penso e à minha razão para escrever estas páginas. Como disse antes, nos dias de hoje muita atenção está sendo dada ao Espírito Santo: quem ele é e o que faz no indivíduo, na igreja e na comunidade humana em geral. Comunhão, vida no corpo de Cristo, ministério de todos os membros, batismo no (com ou do) Espírito, dons, direção, profecia, milagres e a obra do Espírito de revelar, renovar e revivificar são temas frequentes que estão na boca de muitos e sendo discutidos em muitos livros. Isso é bom. Devemos ficar alegres por estar acontecendo isso, e algo estará errado conosco espiritualmente se não ficarmos alegres. Contudo, da mesma forma que uma pessoa que tem vistas curtas não consegue ver tudo para o que está olhando, e da mesma forma que qualquer pessoa pode abordar qualquer assunto da maneira errada, tendo assim apenas parte das informações, nós também podemos (e acho que frequentemente o fazemos) ficar aquém de um foco bíblico acerca do Espírito, cuja obra exaltamos e elogiamos com tanta frequência. Realmente somos muito míopes e cheios de